

NARRATIVAS DISSIDENTES E EDUCAÇÃO: O QUE TÊM A DIZER MACACOS ENORMES E PELUDOS E PRINCESAS SAPATONAS?

Késia dos Anjos Rocha

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília/SP
kesiaanjos@gmail.com

Resumo: esse trabalho tem como proposta apresentar a contação de histórias e a literatura infantojuvenil como dispositivos estético-político e metodológicos que podem ser acionados em pesquisas e intervenções no campo da educação em trabalhos que envolvam gênero, raça, classe social, sexualidades, dentre outros. O foco é discutir como as tecnologias sociais de gênero, raça, classe, sexualidades, podem ser utilizadas dentro da educação, apontando a viabilidade da narrativa poética e posicionada como forma metodológica que pode possibilitar outras leituras e interpretações de mundo.

Palavras-chave: gênero, narrativas dissidentes; literatura infantojuvenil; contação de histórias.

Introdução

Esse relato tem como ponto de partida a experiência vivida durante a criação e realização do Projeto “*Quem reconstrói um conto*”¹, o mesmo foi premiado em 2012 pelo Governo do estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e Programa de Ação Cultural (ProAC) – cujo o foco era apoiar ações e manifestações artístico-culturais com temática LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, transexuais) que tivessem como objetivo promover o debate sobre gênero e diversidade sexual com foco na desconstrução de padrões heteronormativos e homofóbicos. O projeto realizou dois Ciclos de contações de histórias para crianças e jovens da Organização não Governamental (ONG) Centro Camará de Apoio à Infância e Adolescência da cidade de São Vicente/São Paulo e realizou conjuntamente três encontros formativos de 12 horas com grupos de adultas/os interessadas/os, educadores/as e estudantes universitários/as das cidades de Santos/São Paulo e Presidente Prudente/São Paulo.

A arte de contar histórias está sendo compreendida como um dispositivo artístico de resistência, isso quer dizer que quando você constrói sua própria narrativa ou quando empresta seu corpo-voz para que deem vida a personagens que destabilizam as estruturas e os discursos hegemônicos, quando trazemos à cena personagens que representam o/a “outro/a”, o “subalterno/a”, o “colonizado/a”, o “estranho/a”, ou seja, àqueles/as que estão do “outro lado”, que desviam da norma e que, muitas vezes, têm suas vidas relegadas ao

¹ Projeto criado e desenvolvido por Késia Anjos e Érika Oliveira. Mais informações na página <https://www.facebook.com/quemreconstrouumconto/?ref=bookmarks>.

apagamento, convidamos os/as espectadores/as a ocuparem outro lugar na sociedade, a protagonizarem suas próprias experiências, a reescreverem suas próprias histórias. hooks (2013), ao valorizar o testemunho pessoal, nos mostra que se trata de um terreno fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, isso se considerarmos que experiências de dor, sofrimento, conquistas, podem nos auxiliar a mapear e criar jornadas teóricas significativas.

A reflexão está fundamentada nos pensamentos e conceitos de autoras/es feministas, decoloniais e queer (BUTLER, 2005; COLLINS, 2016; HOOKS, 2013; LOURO, 2000; LUGONES, 2014; MIGNOLO, 2004; MISKOLCI, 2012, 2017; SANTOS, 2002; PRECIADO, 2014; WALSH, 2009) que consideram o aspecto relacional, intercultural e transdisciplinar que envolvem as discussões dos diversos marcadores sociais das diferenças. As histórias infantis selecionadas para as intervenções do projeto foram as seguintes: “Ervilina e o príncês ou deu a louca em Ervilina”, da escritora brasileira Sylvia Orthof, “Príncipe Cinderelo”, da escritora inglesa Babette Cole, e “Titiritesa”, do escritor espanhol Xerardo Quintiá.

A escolha das obras se deu após um levantamento em sites de busca pela internet, a partir dos marcadores gênero, sexualidades, diversidade sexual e literatura e infantojuvenil. Na época da pesquisa encontramos várias obras que abordavam outras formas de feminilidades e até mesmo de masculinidades, mas no contexto das produções brasileiras, não encontramos nenhuma obra que tivesse como personagens principais mulheres/jovens lésbicas. Era nossa intenção trazer para o debate personagens lésbicas, pois entendíamos a importância de visibilizarmos outras existências e formas de amar e se relacionar. Nesse caminho, encontramos o livro Titiritesa escrito pelo autor espanhol Xerardo Quintiá e que trazia uma narrativa poética e encantada sobre amor entre duas princesas. É fundamental dizer, que esse quadro de invisibilidade mudou um pouco a partir de 2015 com a publicação do livro “A princesa e a Costureira”, da autora Janaína Leslão, o mesmo traz em sua narrativa a histórias de uma princesa que, as vésperas do casamento, se apaixona pela costureira.

Temos acompanhado nos últimos anos, a grande visibilidade de posições e visões conservadoras que têm se materializado em discursos de ódio, veiculados e disseminados por várias mídias (rádio, televisão, internet) contra todos/as aqueles/as que não se encaixem nos padrões hegemônicos - brancos, heterossexuais, monogâmicos, cristãos, cisgênero². Esses discursos têm surgido também como ações concretas nos governos estaduais, municipais e federais por meio de projetos de leis que buscam estabelecer o que é família, o que as

² Pessoa que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no momento do nascimento.

mulheres podem ou não decidir sobre seus corpos, o que a escola deve ou não falar a respeito de gênero e sexualidades (COLLING, 2016; VIANNA, 2011; SEFFNER, 2017; MISKOLCI, 2017).

A intenção é expor como esses dispositivos (a literatura e as contações de histórias) podem contribuir para as teorizações e reflexões sobre as práticas na área da educação, seja em contextos formais ou outros, para que essas práticas e o processo educativo sejam compreendidos como ações que rejeitam normas impostas, abrindo caminhos que possam nos conduzir ao que hooks (2013) chama de educação como prática de liberdade. Na conjuntura social e política atual, observamos que obras sobre gênero, raça, sexualidades, diversidade sexual, são usadas esporadicamente no contexto educacional, e que, quando usadas, raramente se apresentam de modo mais subversivo; em grande parte dos momentos nos quais aparecem vêm apenas para cumprir um proforma no currículo. Exatamente por acreditar na possibilidade de subverter essa realidade que trago esse relato que tem sim uma pretensão, a de chacoalhar um pouquinho as estruturas normativas desses espaços educativos, demonstrando que é possível criarmos (re)existências.

Entre palavras mágicas, castelos, alamedas e dragões: por onde caminhamos...

As histórias infantis, os livros didáticos, o currículo de forma geral, têm contribuído para a manutenção de uma perspectiva monocultural de sujeitos/as e de ciência, bem como para o estabelecimento de diferenças hierarquizantes (WALSH, 2009; SILVA, 2010a; SILVA, 2010b). Elas contribuem para desenhar identidades sociais, sexuais, de gênero, consideradas “normais” e criam uma maquinaria que se encarrega de conservar esses padrões. As narrativas e os discursos estão contribuindo na produção de identidades, uma vez que, são atravessados por relações de poder que vão dizer como crianças, jovens e adultos/as pensam/vivem suas identidades, como entendem o que é ser “homem”, “mulher”, etc.

Ao longo da história e de nossos processos de formação, crescemos ancorados/as em imagens de príncipes e princesas que, com características, atribuições e sentimentos específicos nos acompanharam nesse desenhar de identidades binárias, ainda definidas pelos adjetivos “delicada x forte”, “corajoso x medrosa”, “ativo x passiva” etc. Toda essa estrutura social heteronormativa se apresenta nos espaços educativos, nos currículos, nos livros, nas relações entre educador/a e educando/a e tendem a perpetuar-se nos jogos e tensionamentos

entre os diferentes grupos sociais (XAVIER FILHA, 2011).

Como demonstram alguns pesquisadores/as (BENTO, 2002; BUTLER, 2005; MEIJER, PRINS, 2002; PRECIADO, 2002), a materialidade dos corpos vai passar a ser reconhecida, a ser inteligível, apenas quando esse/a tiver um sexo. A partir do momento em que se anuncia o sexo de um bebê, este ou esta, passa a viver num universo cheio de expectativas que são materializadas pelos pais, mães, familiares, sociedade em geral e manifestam-se em brinquedos, roupas, cores e, posteriormente, nas atribuições da vida cotidiana, nos espaços escolares e profissionais; é algo que vai se reiterando ao longo da vida e “nunca” termina. O fato de termos uma vagina ou um pênis vai guiar desejos e expectativas que terão sobre nós e que, muitas vezes, sem termos consciência plena estaremos reproduzindo e seguindo ao longo de nossas vidas. Isso tudo nos diz que, antes mesmo de nascermos, já estamos inseridos/as num campo discursivo e de disputas de poder no qual “[...] o gênero adquire vida através das roupas que compõem o corpo, dos gestos, dos olhares, ou seja, de uma estilística definida como apropriada” (BENTO, 2002, p. 553).

Na história de Titiritesa, João Verbolete, um famoso inventor de palavras, cria algo que tem o poder de transformar a realidade, de sensibilizar pessoas através do riso, das gargalhadas. Nessa história apenas o pronunciar dessa mágica palavra faz com que a rainha Mandolina aceite o casamento das princesas e altere os destinos dessas personagens. Na história de Cinderelo, a presença de uma fada sujinha que despenca de uma chaminé traz a possibilidade de bagunçar essa realidade de submissão do personagem oprimido, nesta história, a fada sujinha aparece e ao proferir as palavras mágicas “*Bife, Banguê, Bongue, Pec Peteca*”, faz com que a realidade seja logo transformada. O príncipe Cinderelo, que sonhava ser enorme e peludo como os irmãos, acaba por tornar-se um grande macaco cheio de pelos, mas é assim que segue pelas ruas de seu reino em busca de seus sonhos e de uma ideia e representação do é ser homem – enorme e peludo como seus irmãos.

A história de Ervilina, a personagem de Sylvia Orthof, desenha uma clássica narrativa de princesas e príncipes, na qual, rei e rainha partem em busca de uma noiva para seu filho, a jovem escolhida deveria ser “[...] tão delicada, quase uma rosa, quase uma fada, como uma flor de lis, para casar com o príncês e ser para sempre feliz” (ORTHOF, 2009, p. 17). Seria uma clássica e conhecida história se a autora não tivesse tecido caminhos outros para Ervilina; a jovem, ao ser escolhida pelos ministros e generais do rei, recusa-se a casar e se apresenta como uma pastora, com desejos de seguir sua vida de maneira independente, cuidando de suas ovelhas e recusando, portanto, o casamento arranjado. Dessa maneira, rei e rainha têm que

lidar com as escolhas da jovem pastora e com a decepção do príncipe que não pode exercer poder de escolha sobre a vida e desejos de outra pessoa.

As histórias que acabo de destacar foram apresentadas a crianças e jovens de uma ONG do litoral paulista e provocaram naqueles/as espectadores/as o estranhamento que esperávamos. Durante uma das apresentações, no momento em que as princesas se beijam, escutamos a expressão “credo! Que nojo” sendo proferida por uma criança de mais ou menos 11 anos. Esse “nojo”, que pode ser sentimento de repulsa ou simplesmente uma forma de expressão risonha e acanhada de alguém que estava vendo pela primeira vez a demonstração de afeto de duas mulheres na cena literária infantojuvenil, afinal, aquele grupo jamais tivera contato com narrativas “outras”, que apresentassem formas outras de existir e ocupar o mundo. As apresentações provocavam e convidavam os/as espectadores/as a reflexão, por meio da narrativa poética, costurada com música, personagens/bonecos e acredito que, de maneira eficaz, colocavam em dúvidas algumas das certezas sobre o que é ser homem, mulher, sobre o que pode ou não ser sentido e vivido.

É significativo para esse relato, abordar algumas dificuldades que tivemos no momento de articularmos e buscarmos parcerias para a realização das atividades com o público infantil. Em um primeiro momento, tínhamos escolhido espaços educativos formais, ligados a prefeitura e que estivessem localizados em espaços geográficos periféricos. Queríamos compartilhar nossas histórias e as apresentações artísticas em espaços nos quais a arte chega pouco ou quase nada. No entanto, nos deparamos com algumas negativas de profissionais da educação que, ao entrarem em contato com as histórias que compartilharíamos, logo davam um passo atrás na abertura de suas portas. Como nos disse uma coordenadora de escola “as histórias de príncipes e princesas (Cinderelo e Ervilina) pode, mas essas de duas mulheres (Titiritesa) não, essa é demais para nossas crianças”. Como bem destaca Seffner (2017, p. 23), observamos aqui o quanto a função da escola e a função docente “[...] se debatem eternamente entre inserir os alunos na tradição e contribuir no sentido de auxiliar a modificar essa mesma tradição, abrindo espaço para a novidade”.

Conclusões

O que é significativo pensarmos é se as personagens dessas obras, ao exercerem seu potencial de agência, em alguma medida, contribuem nos processos de formações culturais de sujeitas/os sociais “reais”. Os contos podem interferir nesses processos de configurações

de agenciamentos na vida de meninas, jovens, crianças e educadoras/es que têm acesso a essas narrativas? Se conduzirmos nossa memória e resgatarmos os contos e histórias que tivemos acesso na infância identificaríamos rápido o que elas têm em comum, personagens femininas com pouco ou nenhum agenciamento ou então personagens mais ativas representadas por bruxas e madrastas que sempre morrem ao final. Entre as protagonistas, o papel de agência/atividade das personagens femininas logo dá lugar à fragilidade e perigo que só serão resolvidos com a chegada de um personagem masculino. Ao contrário dessas nossas memórias, as personagens que buscamos apresentar aos espectadores nos mostraram o que é ter agência, o que é construir estratégias, sejam elas mágicas ou não, para cruzar fronteiras normativas (ORTNER, 2007).

A partir dessa experiência, tenho refletido e pensado a arte como produtora de poder, um filme, uma escultura, uma pintura, uma performance, um corpo que dança, um livro, uma história que se conta, são todas elas, práticas produtoras de poder. De acordo com Brah (2006, p. 373), “[...] o corpo inteiro, em sua fisicalidade, mentalidade e espiritualidade é produtivo de poder”. Uma história pode auxiliar na produção de novos sentidos para as experiências que vivemos e compartilhar narrativas tidas como subalternas, pode possibilitar a ruptura de algumas fronteiras, que são responsáveis pelo estabelecimento de hierarquias e diferenças sociais e de identidades.

Referências

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 19(2), 2011. P.549-559. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200016. Acesso em: 16/01/2018.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, 26, 2006. P. 329-376. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30396.pdf>>. Acesso em: 12/01/2018.

BUTLER, J. **Regulaciones de género**. La ventana. Guadalajara, México, n. 23, 2005. p. 7-35.

COLE, B. **Príncipe Cinderelo**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

COLLING, L. A emergência do ativismo da dissidência sexual e de gênero no Brasil da atualidade. In: GARCÍA, Paulo César; THÜRLER, Djalma (orgs.) **Erotização da política e a**

política do desejo: narrativas de gênero e sexualidades em tempos de cólera. Salvador, EDUNEB, p. 74-86, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LOURO, G. L. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3), 2014. P. 935-952. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>>. Acesso em: 13/02/2018.

MEIJER, I. C.; PRINS, B. Como os corpos se tornam matéria: uma entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, 1/2002, p.155-167. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009>. Acesso em: 02/12/2017.

MIGNOLO, W. D. **La idea de América Latina:** la herida colonial y la opción decolonial. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer:** um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, R. "Ideologia de Gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, v.32, n. 3, p. 725-747, 2017. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/se/v32n3/0102-6992-se-32-03-725.pdf>>. Acessos em: 15/02/2018.

PRECIADO, B. **Manifesto Contrassexual:** práticas subversivas de identidade sexual. São Paulo: N 1 Edições.

QUINTIÁ, X. **Titiritesa.** Pontevedra/Espanha: OQA Editora, 2008

ORTNER, S. B. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: Grossi, M. P.; Eckert, C.; Fry, P. H. (Org.). **Conferências e práticas antropológicas:** textos de Bárbara Glowezewski... (et. ali). Blumenau: Nova Letra, 2008, p. 45-80.

ORTHOFF, S. **Ervilina e o príncês ou Deu a louca em Ervilina.** Porto Alegre: Editora

Projeto, 2009. 48p.

SANTOS, B. S. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.*

Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 2002, p. 237-280. Disponível em:

<http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF>. Acesso em: 25/11/2017.

SEFFNER, F. Tem nexos não falar de sexo na escola. **Revista Textual**, Porto Alegre, v. 1, p. 22-29, 2017. Disponível em:

<https://www.sinprors.org.br/textual/maio_2017/Tem_nexo_n%C3%A3o_falar_sobre_sexo_na_escola.pdf>. Acesso em 02/03/2018.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às Teorias de Currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2010b.

VIANNA, Cláudia. Estudos sobre gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: das ações coletivas aos planos e programas federais. 2011. **Tese** (Livre Docência em Políticas públicas - educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.48.2016.tde-20102016-162243. Acesso em: 2018-02-28.

XAVIER FILHA, C. Era uma vez uma princesa e um príncipe...: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Revista Estudos Feministas**, 19(2), p. 591-603. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200019/19433>>. Acesso em 15/02/2018.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y pedagogia de-colonial: apuestas (des)de el in-surgir, re-existir y re-vivir. In: Medina M., P (Coord.). **Educación Intercultural en América Latina**: memorias, horizontes históricos u disyuntivas políticas. Mexico: UPN: CONACCYT: Plaza Valdés, 2009, p. 27-54.